

Jornalistas trocam voto por trabalho

A Torre de Babel no qual se transformou o Centro de Convenções nos últimos dias, com a presença de sotaques e expressões regionais dos jornalistas de todo o País, não consegue esconder pelo menos um fator de unanimidade entre os profissionais que vieram de outros estados para acompanhar e divulgar os resultados nacionais das eleições. Não há quem esconda uma certa mágoa por ter que deixar seu domicílio eleitoral por questões profissionais, perdendo o direito de participar da primeira eleição presidencial depois de 29 anos.

“Isto já faz parte da minha vida profissional”, afirma o jornalista Edgar Vaz, da **Rádio Caixas**, de Caxias do Sul (RS). “Eu não pude votar nas três últimas eleições por estar a serviço”, lembra, explicando que fará força para participar pelo menos do segundo turno.

“O que mais me revolta”, lamenta Benício Dinis Filho, da **Rádio Difusora de Cajazeiras** (PB), “é ter esperado por tanto tempo e na última hora ser castrado neste direito”. Benício critica a proibição do voto em trânsito. “É uma incoerência. A gente participa do trabalho de divulgação das eleições e não pode votar. O TSE deveria ter colocado uma urna aqui, para quem participa da apuração”.

A solicitação para permissão do voto em trânsito para os jornalistas foi feita recentemente pelo Sindicato dos Jornalistas de Brasília ao presidente do TSE, Francisco Rezek. O ministro, conforme explicou Bartolomeu Rodrigues, presidente do sindicato, disse que a solicitação era impossível de ser atendida sem uma alteração na lei eleitoral, o que seria inviável.

O próprio veto do presidente José Sarney ao voto em trânsito teria sido baseado numa consulta aos TREs sobre a situação operacional em cada estado. Se a lei eleitoral tivesse sido votada hoje, entretanto, com o novo esquema de informatização, todos os TREs estaduais poderiam permitir o voto. Rezek teria comentado que esta seria a última eleição no Brasil sem voto em trânsito.

A participação no processo de apuração em detrimento do direito de votar acabou deixando os jornalistas divididos emocionalmente. “Com muita dor no coração eu não vou poder votar. Eu fiquei entre a cruz e a espada e decidi que o mais importante para minha carreira seria cobrir a apuração nacional”, disse Rosa Guedes, da **Rádio Central de Campinas**.